Dia bonito pra chover: Escrita negra e poética da interpretação em Lívia Natália

Dia bonito pra chover: Black literature and poetic interpretation on Lívia Natália

Davi Nunes[1]
Ricardo Oliveira de Freitas[2]
Thiago Martins Prado[3]

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.142695

RESUMO: Analisamos traços de intencionalidade e autoria na obra da escritora negra baiana Lívia Natália. Para tanto, tomamos o livro de poesia *Dia bonito pra chover* como material de análise. Utilizamos as teorias de interpretação do texto literário, com o debate sobre a intencionalidade da autoria e autonomia da linguagem poética na obra, como

---

[1] Colaborador do Portal SoteroPreta, mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem - PPGEL/UNEB, poeta, contista e escritor de livro Infantil.
[2] Possui Graduação em Artes pela UFRJ (1992), Mestrado em Comunicação e Cultura pela UFRJ (1995) e Doutorado em Comunicação e Cultura pela UFRJ (2002).
[3] Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia, Thiago Martins Prado é doutor em Letras pela UFBA (2011), possui mestrado em Letras pela UFBA (2005) e graduou-se em Letras Vernáculas (licenciatura e bacharelado) pela mesma universidade (2002).

referencial teórico-metodológico. A análise objetiva articular uma crítica interpretativa voltada para a escrita negra, para a consolidação do gênero literatura negra.

ABSTRACT: The article arises from the need to investigate the interpretation theories of the literary text on the poetry *Dia bonito pra chover*, by the black writer Livia Natalia, inciting the debate about the intentionality of the authorship and the autonomy of poetic language on the book. The objective of analysis articulates an interpretative critique focused on black writing.

PALAVRAS-CHAVE: Intenção; Lívia Natália; Interpretação poética.

KEYWORDS: Intention; Lívia Natália; Poetic interpretation.

Introdução ou as premissas interpretativas do texto poético

O livro de poesia *Dia bonito pra chover* (2017), de autoria da escritora negra baiana Lívia Natália, devido à sua profusão linguística e experimental, possibilita traçar e confrontar múltiplas perspectivas teóricas de interpretação do texto literário. Seu mérito reside no fato de possuir marcadores de autoria alusivos às escolas literárias de aparatos estéticos neoclássicos (visto a utilização e re-

leitura da mitologia greco-romana como um recurso estético), assim como gêneros literários fixos (como a canção) e gêneros mais remotos (como a cantiga de amigo medieval, a fim de construir uma lírica amorosa).

Nesse sentido, o texto ora apresentado tenta revelar modos do fazer literário que, mesmo quando demarcados por uma forma literária qualificada, não se restringem aos acantonamentos pré-concebidos como nichos originários de determinadas expressões literárias. Aqui, por exemplo, uma das perspectivas teóricas a serem destacadas e que fomentarão nosso debate diz respeito às teses de William K. Wimsatt e Monroe C. Beardsley (1972). Os autores, teóricos da interpretação do texto literário, argumentavam que se deve respeitar a autoridade do texto, já que, para eles, o texto fala por si. Por isso, o seu significado deve ser buscado nele mesmo, no texto, descartando a biografia do autor e os aspectos prosaicos da vida cotidiana como relevantes para a interpretação de uma obra literária.

Dentro de outra perspectiva de interpretação do texto literário, Rafael Azize (2001) confronta as ideias de Wimsatt e Beardsley (1972). Para ele, a intenção do autor está ligada aos elementos extratextuais, à biografia e, principalmente, ao plano inicial da obra do autor. Esses seriam, pois, elementos bastante importantes para a interpretação do texto literário, já que a linguagem pressupõe a intenção. Azize defende, ainda, a ideia de que mesmo com todos os significados e polifonias que o texto em si provoca, isso tudo não

o isenta da intencionalidade (AZIZE, 2001).

A intencionalidade, nesse sentido, aparece como um tipo de criadora de marca, que dá ao texto literário traços de representação, de marcas representacionais que aproximam tanto o autor como a obra do público leitor.

Ao se produzir um tipo de literatura representacional, especializada em promover traços de reconhecimento pelo público leitor, o autor chama a atenção para a importância da intencionalidade, assim como da especialização, tanto na produção como na recepção da obra, revelando, desse modo, o importante papel creditado ao público e às audiências como codificadoras e decodificadoras daquilo que o produtor inseriu na mensagem.

O caso do cinema comunitário, como mais uma das muitas expressões em arte que têm privilegiado o debate sobre público ativo, é bom exemplo:

> *A ideia de cinema comunitário indica o importante papel do público e audiência naquilo que, afinal, reconhecemos como recepção ativa. Nesse sentido, o cinema que se faz sobre Si, autóctone, quer seja exibido para o Outro ou para o Mesmo, terá o importante papel de suscitar a afirmativa, elaborada por Stuart Hall, de que a distinção entre denotação e conotação é apenas analítica – indicativa dos diferentes níveis em que as ideologias e os discursos se cruzam, e não da pre-*

sença ou ausência da ideologia na mensagem. (HALL, 2003)

João Máttar Neto (2000), ao tratar o fervoroso debate da presença ou ausência da funcionalidade da intenção do autor, apresenta uma concepção mais conciliadora, sintética. Para ele, a continuidade ou o entrelaçamento entre intenção autoral e texto ocorre até determinado ponto, pois o escritor tem o controle até certa instância, visto que depois se perde no jogo da linguagem, tendo assim as suas intenções fracionadas, diluídas, mesmo que ainda presentes no processo de realização da obra.

Afinal, se a produção da mensagem não é tarefa simples, a recepção, do mesmo modo, mostra-se como tarefa tampouco simples. Ou como afirma Hall, "a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear" (HALL, 2003, p. 354).

> *Afinal, o significado não é fixo nem rígido o suficiente para não ser traduzido como resultado de uma formulação ideológica que nos permita decifrar o sentido ideológico da mensagem. O sentido é sempre multirreferencial, (multi) referencial de conhecimentos. [...] Todo evento comunicativo deve antes tornar-se uma "narrativa", para ter êxito na sua passagem entre a fonte e o receptor, entre a conotação e a denotação, entre a codificação e a decodificação. Nesse sentido,*

> *a produção e a recepção de mensagens estão, sobremaneira, relacionadas.* (FREITAS, 2008, p. 5)

O mesmo Hall afirma que, antes que haja distribuição da mensagem pelo evento comunicativo, ela "deve primeiro ser apropriada como um discurso significativo e ser significativamente decodificada" (HALL, 2003, p. 390).

> *O que nos leva a crer que a assimetria entre produção e recepção tem a ver tanto com as distinções estruturais de relações e posições ocupadas por produtores/transmissores e receptores/audiências como com a discrepância entre códigos da fonte e do receptor, no momento da transformação de um mero evento em evento comunicativo e produto, no momento da transformação do produto bruto em forma discursiva. Se isso define a relatividade da autonomia dos sistemas comunicacionais e, por extensão, sociais, também demonstra a carga de determinação aplicada à mensagem em seus momentos discursivos.* (FREITAS, 2008, p. 5)

Desse modo, para a análise de *Um dia bonito pra chover*, considerando as diversas especulações sobre in-

terpretação do texto poético, que vão da intenção expressionista à autonomia da linguagem poética, buscamos, com esse trabalho, contribuir com a constituição de uma abordagem teórica que transfigure as possibilidades de interpretação, de uma interpretação que flerte ou se entrelace em laços poéticos com o livro *Dia bonito pra chover*.

O artigo está dividido em duas seções. Na primeira, traçamos o debate sobre as teorias de interpretação do texto literário, relacionando as diversas possibilidades de interpretação que o livro *Dia bonito pra chover* provoca. Na segunda seção, focamos nossa atenção na análise dos poemas e na rasura provocada pela autora, Lívia Natália, ao enegrecer personagens da mitologia greco-romana para traçar sua lírica amorosa.

A poetisa, ao apresentar o *Odisseu Negro* como um arquétipo idealizado do objeto amado, reconfigura a poesia amorosa brasileira, além de fazer uma releitura estética de gêneros literários fixos que foram combatidos no romantismo e jogados em desuso com os experimentalismos linguísticos da modernidade.

As teorias de interpretação de poesia

Dia bonito pra chover (2017), livro da poetisa baiana Lívia Natália, devido tanto à sua articulação alusiva às escolas literárias de aparatos estéticos neoclássicos (mais especificamente, o arcadismo e o parnasianismo) como à

utilização da mitologia greco-romana como um recurso estético, ou mesmo a gêneros literários fixos, possibilita traçar e confrontar múltiplas perspectivas teóricas de interpretação do texto literário.

Para tanto, apresentamos fervoroso debate entre importantes teóricos da interpretação do texto literário, relacionados à busca ou à refutação da intenção do autor na construção da obra de arte, especificamente do poema, tais como Wimsatt e Beardsley (1972), Máttar Neto (2000) e Azize (2001).

Wimsatt e Beardsley argumentam (e isso já é uma possibilidade de abordagem interpretativa dos poemas em *Dia bonito pra chover*) que a intenção do autor não é acessível, nem relevante como um padrão para se julgar o êxito de uma obra de arte literária, no caso aqui apresentado, o livro de poesia. Para eles, "a intenção é o plano na mente do autor" (WIMSATT e BEARDSLEY, 1972, p. 87). Ou seja, a intenção seria a pretensão inicial do poeta, a estruturação primeira. No entanto, ainda segundo os autores, é um equívoco focar no desígnio. Nesse sentido, a biografia seria descartável, pois seria falaciosa para a construção de uma crítica objetiva para a análise de uma obra de arte poética.

Segundo esses críticos, se o poeta teve êxito, o próprio poema mostrará, já que o êxito seria transposto na linguagem, no jogo dos signos linguísticos.

Haveria aí uma sobreposição da autonomia da linguagem poética, e os aspectos extralinguísticos seriam pouco

relevantes. Além disso, é interessante perceber o valor utilitarista que os teóricos dão ao poema: "Julgar um poema é como julgar um pudim ou uma máquina. Exige-se que funcione" (WIMSATT e BEARDSLEY, 1972, p. 87). O poema seria, assim, uma estância estruturada em sua funcionalidade.

Para esses críticos da interpretação, a poesia triunfa quando tudo ou quase tudo que se encontra nela, seja explícito ou implícito, pode-se dizer assim, é relevante. É o sumo essencial da sua existência como poema. O que ficou de fora seria descartável, como os caroços de uma laranja que foi consumida.

O poema estabelece, nesse sentido, a sua corporificação textualmente, no profícuo jogo metafórico, polifônico, na sua extrapolação como uma linguagem peculiar, reificada, que se encontra no nível especial e fora da linguagem dita ordinária, fora da sua automação cotidiana.

Por via dessa abordagem teórica, a poesia de Lívia Natália, em *Dia bonito pra chover*, sobretudo nos poemas em que a autora se apropria da mitologia greco-romana e enegrece suas personagens (sendo esse o caso do poema *Odisseu Negro*), não extrapolaria as raias da intencionalidade, mesmo que levemos em consideração o fato de ser uma poetisa negra, escrevendo sobre um ser amante, um "muso" negro, criado em articulação com a mitologia greco-romana. Já a interpretação, esta seria uma organização, de acordo com o esquema saussuriano de signos linguís-

ticos, que se manifesta na efetividade do poema em sua funcionalidade textual.

Nesse sentido, pensar a obra de uma autora negra com base em tal sistema teórico de interpretação nos levaria a entraves metodológicos, devido ao peso biográfico que o corpo escritural negro carrega na sociedade contemporânea. Por outro lado, essa aproximação poderia, de um ponto de vista estético e linguístico, elevar à crítica a interpretação da escrita negra, conduzindo-a a outro nível, mais estrutural, dadas as muitas abordagens sociológicas que a obra possui.

O campo de análise, desse modo, se instaura como encruzilhada. Um tipo de encruzilhada epistemológica e metodológica. No entanto, as possibilidades interpretativas e teóricas de Wimsatt e Beardsley (1972) permitem vislumbrar perspectivas muito ricas, pois, segundo eles:

> *O poema não pertence nem ao crítico, nem ao autor (desliga-se do autor ao nascer e percorre o mundo subtraindo-se ao poder ou ao controle do criador sobre ele). O poema pertence ao público. Corporifica-se na linguagem, posse peculiar do público, e trata do ser humano, objeto de conhecimento público. O que se diz sobre o poema é sujeito à mesma indagação que qualquer afirmativa em linguística ou na ciência geral da psicologia.* (WIMSATT e M.C BEARDSLEY, 1972, p. 88)

A linguagem, posse pública, patrimônio cultural, da qual o poeta se utiliza estruturando signos, ornamentando formas linguísticas sensíveis em jogos que vão do estranhamento, como faziam os formalistas russos, ao coloquialismo intermitente, que ganhou uso no século XX, é um "ademais", visto que se soma como mais um artefato no jogo cultural da linguagem. No entanto, os críticos definem a linguagem poética como essencial, referindo-se a ela como uma entidade autônoma.

Uma das estruturas metodológicas para a interpretação da arte poética, e que é bastante relevante neste artigo, é a especificação que Wimsatt e Beardsley (1972) fazem ao definirem, de acordo com a teoria da falácia intencional, por eles criada, a necessidade de não confundir estudos biográficos com estudos poéticos. Para eles, essas são coisas absolutamente distintas dentro da especialização literária.

Essa junção ocorre com frequência na interpretação teórica acerca de autores(as) negros(as) e é normalmente utilizada pela crítica oficial, canônica, no Brasil, para desqualificar a qualidade literária das obras desses(as) escritores(as). Boa ilustração disto está na abordagem reservada à escritora Carolina Maria de Jesus, que, antes de ser escritora, é apresentada, à primeira vista, sob a alcunha de catadora de papelão. O mesmo vale para Lima Barreto, que, após ter publicado o romance *Recordação do escrivão Isaías Caminha*, teve a sua obra classificada como mau

panfleto.[1]

Nesse caso, a biografia tem sido usada como ferramenta para desqualificar a obra literária de escritores(as) negros(as). Já para escritores hegemônicos, brancos, a biografia tem sido utilizada para intensificar os significados das suas obras literárias. Desse modo, *Dia bonito pra chover* permite o aprofundamento das discussões acerca da poética presente na obra como uma forma de rasura estética ao cânone literário; além, é claro, da análise das teorias de interpretação do texto literário.

Contrapondo-se a Wimsatt e Beardsley, recorremos a Azize (2001), que apresenta uma outra corrente de abordagem interpretativa da obra de arte poética. O autor é favorável à aplicabilidade da noção de intenção na obra, já que, para ele, a linguagem não é heterogênea nem está fora do mundo. Ela possui como base formas de vida. "Nos significados, encontramos seu limite e a sua possibilidade nas práticas ordinárias das pessoas" (Azize, 2001, p. 26).

A intenção se encontra no campo extralinguístico, no prosaísmo vulgar automatizado da biografia do(a) escritor(a), na égide comum da vida. Azize vê nisso a denotação para o nascimento do texto. Na produção de um texto, as intenções pressupostas podem ou não ser tarefas fundado-

[1] Medeiros e Albuquerque, escritor e jornalista, sob o pseudônimo de J. dos Santos, em seção intitulada Crônica literária, publicada no jornal impresso A Notícia, na primeira década do século XX, condena a obra da Lima Barreto, classificando-a como "mau romance" e "mau panfleto" – o que bastante contribuirá para depreciação da obra de Lima Barreto (SANTOS, 1909).

ras. A proposta inicial pode ser um fantasma ou mesmo um arquétipo gelatinoso, que muitas vezes se desvanece no jogo com a linguagem, mas que se mantém presente, pois há o sujeito intencional.

Azize (2001) argumenta que os anti-intencionalistas, as correntes estruturalistas e formalistas do século XX, surgiram para contrapor a concepção de linguagem como referencial corrente no romantismo, como uma duplicação da *mimese* interior, que tinha instituído o valor literário centrado na ideia de autenticidade, genialidade e no mentalismo introspectivo. Por outro lado, eles estruturaram teorias literárias impessoais, que idealizaram a concepção moderna de literatura como um jogo de linguagem à parte dos demais, numa dimensão do sentido que seria poética e peculiar, incomensurável em relação à linguagem ordinária.

A linguagem literária, poética, seria então autônoma. Ela teria, dentro dessa manifestação pública, o seu assento preferencial; ou seja, nessa viagem multidimensional que é a linguagem, ela estaria na primeira classe.

Azize (2001) percebe que a literatura – vista dentro de uma poética impessoal, formal, como um jogo de linguagem semanticamente à parte dos demais jogos – apresenta, em si, a ideia de negação da aplicabilidade da noção de intencionalidade nas teorias de interpretação do texto literário. Com isso, entende-se que a linguagem pressupõe a intenção, mesmo com todos os significados e polifonias que o texto provoca. Ou seja, a linguagem não está isenta

da intenção.

O autor lembra, ainda, que a riqueza semântica dos textos literários, devido à falta do acesso exaustivo à intenção autoral por parte do leitor, pode levar a equívocos. A polissemia não pode ser gerada pela parca exploração acerca da intenção do(a) autor(a); ela deve ser gerada após essa verificação.

Em *Dia bonito pra chover*, uma abordagem teórica e interpretativa via intenção autoral, como lembra Azize (2001), pode ser importante para perceber o local sensível, o átimo que levou à criação. Também pode ser importante para que se perceba se as intenções foram cumpridas na execução do texto, do poema. Serve, ainda, à análise das intenções não executadas. Por outro lado, corre-se o risco de pender, no caso da interpretação da obra de escritora negra, como normalmente ocorre, somente para uma interpretação sociológica e biográfica.

A intenção autoral, dentro dessa análise interpretativa, se assoberba, ganha contornos e focos centrais na vida, tornando-se um padrão interpretativo da obra – o que, para um anti-intencionalista, seria algo bastante equivocado, já que descartaria o jogo semântico, polifônico, que ocorre no nível da linguagem, do texto literário, em sua autonomia.

Azize (2001) lembra, ainda, que as teorias de interpretação literária do século XX tinham um cerne antirromântico, visto que estavam preocupadas em prover os estudos literários de um aparato conceptual interpretativo por

meio de poéticas impessoais; ou seja, a literatura como um jogo à parte e peculiar da linguagem, a serviço das práticas experimentais dos diversos modernismos nacionais.

A intenção autoral, para o teórico, negada sistematicamente por corrente teóricas que vão do estruturalismo ao *New Criticism*, compõe parte importante para a construção interpretativa de uma obra literária. Ela predetermina as minudências do texto literário, que se realiza, ou quase se esvai, no transcorrer do jogo com a linguagem.

João Máttar Neto consegue, dentro desse debate fervoroso da funcionalidade ou não da intenção do autor, trazer uma concepção mais conciliadora, sintética, o que possibilita uma reorganização metodológica para a interpretação do livro *Dia bonito pra chover*. Ele argumenta, utilizando algumas ideias de Wimsatt e Beardsley, ou melhor, reorganizando-as, que a concepção da continuidade entre autor e texto, a ideia de que o autor tem controle sobre o que escreve, ocorre apenas até certo ponto, já que, depois, ele passa a ser dominado pela linguagem, pela fluência e ritmo do texto que já está escrito, pelo entrechoque das palavras, pela própria concepção de forma de si enquanto autor (MÁTTAR NETO, 2000).

O texto não é modelado somente por um autor, mas também pelas estruturas linguísticas, culturais, sociais e mentais que de alguma forma o transcendem. O texto vai aos poucos criando vida própria, e a partir de um certo momento passa a resistir às intromissões do autor.

O autor, de certa forma, consegue intercalar intenção e significação. O pressuposto e o posto textual se cruzam, mas, dialeticamente, se distanciam em algum ponto; o que não significa que estejam separados. *Dia bonito pra chover* ilustra muito bem isso, como veremos na próxima seção.

Pode-se, assim, perceber que a intencionalidade poderia ser vista na obra de forma implícita, seja na utilização das personagens greco-romanas, seja no filtro azeviche da negritude rasurando as personagens mitológicas, seja na religiosidade afro-brasileira que aparece na obra de forma suave (manifestações metafóricas de fenômenos da natureza); seja no *Odisseu Negro* como o arquétipo do objeto amado, costurado nos versos amorosos; ou mesmo no rastro da biografia de Lívia Natália, mulher negra, professora universitária, teórica da literatura, feminista – além de várias outras possibilidades intencionais. Por outro lado, também se observa no corpo da obra o encadear das palavras que envolvem a poetisa, o ritmo dos versos, a polissemia que possibilita aos poemas muitas especulações interpretativas que fogem do alcance da escritora, que se afastam de uma lógica de intencionalidade. A utilização de gêneros literários arcaicos, mas através de uma releitura moderna, contribui para a consolidação de um todo linguístico que envolve a poetisa e sua obra, num tipo de acervo linguístico público e transfigurado com toda a ambiguidade metafórica possível.

Lívia Natália, a autora, consegue dimensionar a sua biografia, o afã sensível de sua existência no jogo da lin-

guagem. Ela é serva e mestra da linguagem. Os pontos costurados nos versos são soltos, mas se encontram em algumas encruzilhadas para se dispersarem em vários outros caminhos de significação.

Assim, as teorias de interpretação do texto literário acima apresentadas demonstram (e, de certa forma, especulam sobre) as várias possibilidades interpretativas do poético, seja pela via intencional formulada por Azize (2001), pela impessoalidade linguística do texto literário de que falam Wimsatt e Beardsley (1972) ou pela tentativa de fazer confluir, no método de análise interpretativa, as duas possibilidades, ou seja, a continuidade relacional entre autor e o texto, como propõe Máttar Neto (2000).

Diante da intenção e da autonomia do campo literário, ou mesmo da continuidade e da confluência possível entre elas, esse artigo não se propõe a tomar uma posição. Busca, tão somente, dialogar com uma abordagem teórica que transfigure, também, as possibilidades de interpretação; de uma interpretação que flerte ou se entrelace em fios poéticos com o livro *Dia bonito pra chover*.

Uma poética interpretativa da poesia amorosa

O livro de poesia *Dia Bonito pra chover*, de autoria de Lívia Natália, é como um espelho d'água, um mar mitológico que se debruça sobre o infinito da linguagem. A poetisa, senhora da lírica feminina, ao reinventar e revisitar na

contemporaneidade as características mais marcantes da poética neoclássica, injeta amor em seus poemas, através da epopeia e da referência aos personagens da mitologia greco-romana. Lívia fala desses personagens para a Mãe África, para o Brasil negro, para o Brasil africano, o que pode ser visto no poema *Odisseu Negro*.

A releitura que Lívia faz de uma poética ligada ao gênero, às formas literárias fixas, que foram combatidas no romantismo e, no século XX, tornaram-se anacrônicas devido ao experimentalismo linguístico dos escritores do modernismo, permite, de certa forma, entender a rasura que a obra faz no cânone. Isso se deve ao uso que a autora faz de um artifício de estilo (nesse caso, o uso de personagens da mitologia greco-romana) em desuso, ao transfigurá-lo para articular uma estética poética negra.

Lívia Natália, por já ter utilizado a mitologia africana em livros passados,[2] ousou: ao enegrecer personagens da mitologia greco-romana, articulou uma linguagem que foi se transfigurando junto com a linguagem que a envolveu.

A intencionalidade dessa ação pode ser especulada como vista através dos esquemas intratextuais e poéticos. No entanto, a assertividade dessa ação interpretativa, como já visto, pouco comportou a escrita de escritores(as) negros(as), mesmo que, para a análise interpretativa em *Dia bonito pra chover*, apareça, aqui, de forma a transcendê-la.

[2] Isso pode ser encontrado no livro *Água Negra*, de sua autoria.

A poetisa também, através do recurso estético de retomada das personagens mitológicas, aproxima-se do erotismo presente na poética parnasiana. Isso pode ser claramente visto em seu texto, mesmo que saibamos que, no caso dos poetas parnasos, o que aparece é um erotismo de fogo morto. Já no caso de Lívia Natália, é sedução, ardor e desejo. Ela adentra a Torre de Marfim, deixa seu perfume de flor, empunha a lira poética, enfeitiça com seu canto de sereia, vai embora e segue uma corrente marítima para o alto-mar, lombo do seu amor, como se pode observar no trecho do poema que dá nome ao livro, *Dia bonito pra chover*:

Eu nadaria no teu suor
e seria sereia encantada.
Eu, montada no lombo do teu grosso navio,
meu Odisseu,
nada em ti cessaria de querer,
nem tuas mãos atadas.

(NATÁLIA, 2017, p. 59)

Dia bonito pra chover, em Lívia Natália, assemelha-se ao *carpe diem*, nos arcadistas. No entanto, ao invés de "aproveitar o dia", existe, aí, o instante poético, o momento iluminador que dá sentido aos seus versos-vida. Encontra-se, aí, a eternização em linguagem do átimo de beleza, sagrado, do intimismo feminino de amor e dores.

O equilíbrio formal que se concretiza com a aproximação com o parnaso, através do uso das personagens mitológicas, compõe a atmosfera clássica dos seus versos. Assim, o diálogo que Lívia Natália faz com o cânone é de alta voz poética, cheia de sutilezas insurgentes, que desestabilizam a sua imobilidade, pois a subjetividade, o eu lírico, a cor que a poetisa emprega é outra, um âmbar negro fino, com tempestividade e placidez marinha que caracterizam, neste livro, seus versos, como se observa no trecho do poema *Olhos D`água*.

Ele tem pés de peixes,
E eu sou Água.
Sua pele cheira a antigas maresias,
sua voz, feita de pedra,
já enganou sirenas delicadas
suas guelras brancas e brutas
engoliram Netuno,
Ele devorou o pai.

(NATÁLIA, 2017, p. 13)

Lívia Natália consegue se interpor formalmente ao cânone, toca-lhe no que lhe é mais caro, a estrutura poética, enuncia o eu lírico feminino e negro que, no *Poema Noturno*, consegue alcançar uma nota alta de erotismo:

Sinto, em minha garganta, seu falo robusto.
Sinto
Seu falo
Macio
em minha boca.
E minha língua lambe sedenta
as estrelas que escapam do seu céu.

(NATÁLIA, 2017, p. 45)

O erotismo em *Dia bonito pra chover* aparece fino. Mas possui libido poética. As dimensões são altas, se ondulam nas vagas abertas no lençol, no suor, no mar que o eu lírico, sereia encantadora, mergulha, já que é na água, na imensidão do horizonte infinito e aquoso, que ela se faz.

Dia bonito pra chover retoma, assim, a tradição da poesia amorosa na literatura brasileira e chega com a renovação da voz. A forma, o foco dos sentidos e do desejo são femininos e a lira é negra, a tecer amores insólitos.

Considerações finais: a rasura

As teorias de interpretação de texto literário suscitam calorosos e inúmeros debates. O livro *Dia bonito pra chover*, de Lívia Natália, muito contribui para o debate, já que pode ser considerado uma rasura estética na tradição literária brasileira, visto que remonta, ao mesmo tempo, à tradição

da poesia amorosa e se utiliza, de modo original, da releitura moderna de uma estetização remota.

O uso de personagens da mitologia greco-romana, por sua vez, faz um recorte, uma leitura transversal da história da poesia brasileira.

Assim, a interpretação dessa obra pode ser especulada de diversas maneiras, pois, nela, há polissemia como força intencional.

Dessa forma, percebeu-se que, no momento em que o autor e o texto vão se fissurando na tentativa de se dissipar, é quando ocorre a ambiguidade. É nesse momento e local interpretativo que buscamos interpretar a obra dessa poetisa.

Este artigo tenta contribuir para o entendimento de que é necessário manter-se crítico e criativo diante das teorias de interpretação de texto literário. Principalmente quando se refere à escrita de escritoras e escritores negras(os), pois a intenção e a autonomia linguísticas são outras, se considerarmos a escrita hegemônica, canônica, que se quer unívoca e heterogênea. Por isso, torna-se necessário tecer uma abordagem interpretativa inovadora.

Dia bonito pra chover é obra para ser lida, pois traz em si a inovação, dada a peculiaridade de sua abordagem temática e formal, além da transfiguração poética exercida pela rasura no cânone, no seu corte transversal e estético na tradição da poesia amorosa brasileira.

Referências bibliográficas

AZIZE, Rafael Lopes. A falácia do antiintecionalismo. *Revista de Filosofia Cognitio*, São Paulo, ano II, p. 18-27, 2001.

FREITAS, Ricardo O. de. *Da margem ao centro: comunicação e arte frente às questões de produção e recepção em produtos audiovisuais periféricos*. Natal: INTERCOM, 2008. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0725-1.pdf. Acesso em: 25 jan. 2018.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NATÁLIA, Lívia. *Água Negra*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2011.

NATÁLIA, Lívia. *Dia bonito pra chover*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

NETO, João Augusto Máttar. Teorias Literárias Pragmáticas: a função do autor. *Revista de Filosofia Cognitio*. São Paulo, ano I, n. 1-2, p. 58-78, 2000.

SANTOS, J. dos. Crônica literária. (pseudônimo de Medeiros

e Albuquerque). *A Notícia*. Rio de Janeiro,15 dez. 1909.

WIMSATT, William K.; BEARDSLEY, Monroe C. The Intentional Fallacy. In: LODGE, David (org.). *20th Century Literary Criticism*: A Reader. London: Longman, 1972.

Submissão: 28/01/2018
Aceite: 15/03/2018